

OBRA ANALISADA	O Cortiço
GÊNERO	romance
AUTOR	Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo
DADOS BIOGRÁFICOS	Nascimento: 14 de abril de 1857, São Luís, MA Morte: 21 de janeiro de 1913, Buenos Aires, Argentina É o fundador da Cadeira nº 4 da Academia Brasileira de Letras, que tem por patrono Basílio da Gama.
BIBLIOGRAFIA	<p>= Romances e novelas</p> <p>Uma lágrima de mulher (1880), primeiro romance O mulato (1881) Casa de pensão (1884) Filomena Borges (1884) O homem (1887) O cortiço (1890) O esqueleto (mistérios da casa de Bragança) (1890), publicado sob o pseudônimo de Victor Leal em parceria com Olavo Bilac Aos Vinte Anos (1895) O Coruja (1895), publicado primeiro em rodapé de O País (1889) A mortalha de Alzira (1893) O livro de uma sogra (1895) Girândola de Amores (1900), publicado primeiro em folhetim na Folha Nova (1882), sob o título de Mistério da Tijuca A condessa de Vésper (1902), publicado primeiro em rodapé da Gazetinha, sob o título Memórias de um condenado (1882)</p> <p>= Contos</p> <p>Demônios (1890)</p> <p>= Crônicas</p> <p>O Bom Negro O touro negro O Japão</p> <p>= Teatro</p> <p>Os doidos (1879), comédia escrita em colaboração com Artur de Azevedo Mattos, Malta ou Matta? (farsa, 1893) Casa de Orates Flor de Lis Em flagrante Caboclo Um caso de adultério Venenos que curam República Fritzmac, dos irmãos Arthur e Aluísio de Azevedo</p> <p>Até 1895 escreveu ao todo 19 trabalhos, entre romances e peças teatrais. Continuou colaborando em jornais e revistas, com caricaturas, contos, críticas e novelas.</p> <p>Em 1895, fez concursos na Secretaria do Exterior</p>

para cônsul, sendo nomeado vice-cônsul, em Vigo, em 1895. Desde então, não mais publicou um livro, vendendo sua propriedade literária a H. Garnier. Em 1910, foi promovido a cônsul de primeira classe. Em 1911, sem prejuízo das funções consulares foi transferido para o posto de Adido Comercial junto às legações do Brasil na Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai.

RESENHA

Esta obra já é de domínio público e pode ser lida em versão online.

Neste romance há diversas histórias, mas a de dois personagens se destaca: as dos portugueses João Romão e Jerônimo.

Romão enriquece no Brasil porque procura dominar o meio em que vive, não se deixa seduzir totalmente, mantendo o objetivo de vencer na vida, de enriquecer.

Jerônimo também vem ao Brasil para trabalhar e enriquecer, no entanto, se deixa dominar pelo meio, ou seja, se deixa seduzir pelos prazeres da vida, representados pela mulata Rita Baiana e pela bebida. Jerônimo se esquece dos hábitos portugueses e adota uma prática mais brasileira.

Enfim, o romance é de nítido recorte sociológico, representando as relações entre o *elemento português*, que explora o Brasil em sua ânsia de enriquecimento, e o *elemento brasileiro*, apresentado como inferior e vilmente explorado pelo português.

ESTILO DE ÉPOCA**Naturalismo**

Este romance é um marco do Naturalismo no Brasil, onde os personagens principais são os moradores de um cortiço no Rio de Janeiro, precursor das favelas, onde moram os excluídos, os humildes. Enfim, aqueles que não se misturavam com a burguesia; todos com os seus problemas e vícios, decorrentes do meio em que vivem.

O autor descreve a sociedade brasileira da época. Condensou vários de seus aspectos: o português ambicioso, o fidalgo burguês, o negro e o mestiço (mulatos). A luta pela vida num ambiente tipicamente brasileiro - pessoas almejando dinheiro e poder. Ao mesmo tempo há os que presenciavam a miséria, ou mesmo, a simplicidade de outros.

Esta obra que analisamos possui dois elementos importantes: primeiro, o extensivo uso de zoomorfismo – transformação do homem em um animal; e, segundo, cria um microcosmo (que é o cortiço do título).

Redução da mulher a um simples objeto, "escrava" ao realizar os afazeres domésticos e trabalhistas (a maioria delas era lavadeira) ou em objeto sexual, pronta, a todo o momento, a satisfazer as necessidades dos homens. Observamos, por exemplo, na personagem Bertoleza (escrava

fujona), que era extorquida por João Romão, dono do cortiço.

É importante que observemos que o cortiço também é ostensivamente personificado no decorrer da obra, sendo muitas vezes tratado como um único personagem. Confira este trecho extraído do capítulo III: "Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas."

O Naturalismo assume quase todos os princípios do Realismo, tais como o predomínio da objetividade, da observação, da busca da verossimilhança, acrescentando a isso uma visão cientificista da existência, trata de patologias sociais, etc. Azevedo pode ser chamado realista objetivo em busca da realidade externa.

Narrado em 3ª pessoa, a obra tem um narrador onisciente que se situa fora do mundo narrado e/ou descrito. Há um total distanciamento entre o narrador e o mundo ficcional. Há o predomínio na narrativa do discurso indireto livre, o que permite ao autor revelar o pensamento das personagens. A visão do narrador é fatalista, pois as camadas populares são vistas como animais condenados ao meio social que habitam, homens fadados a viverem como animais selvagens.

AMBIENTE

O cenário é descrito com ambiente e os caracteres em toda a sua sujeira, podridão e promiscuidade, com uma intenção crítica - mostrar a miséria do proletariado urbano - sem esconder a náusea que o narrador sente diante da realidade que revela, mas posicionando-se de maneira solidária junto ao povo do cortiço:

"Sentia-se naquela fermentação sangüínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras ...o prazer animal de existir,... E naquela terra, ...naquela umidade quente e lodosa, começou a minhoca a esfervilhar, a crescer,... uma coisa viva, uma geração que parecia espontânea,... multiplicar-se como larvas no esterco."

No século XIX, os cortiços eram galpões de madeira habitados por trabalhadores não-qualificados. Esses galpões eram subdivididos internamente. O proprietário era geralmente português, dono de armazém próximo. Porém, havia outros interessados: o Conde D'Eu, marido da princesa Isabel, foi dono de um imenso cortiço, o "Cabeça-de-porco", onde viviam mais de 4 mil pessoas.

INTERTEXTUALIDADE

Aluísio de Azevedo, leitor contumaz de Eça de Queiroz, cria um intertexto tropicalizado da literatura deste, excluindo as influências da primeira fase do realismo incipiente, mascarado com as peripécias literárias da herança da escola do romantismo.

O escritor revela a influência de Eça nos tipos mais caricaturais que apresenta; focaliza as aglomerações

residenciais da ralé dos pobres do Rio, semelhantes às nossas favelas atuais. Aluísio não criou tipos, pois não se detinha a analisar as almas de seus personagens, nem enveredou pela psicologia individual, mas se limitou a lidar com as massas.

O Cortiço, em virtude da sua qualidade e relevância para a história da literatura, acabou nas telas do cinema, sob a direção de Francisco Ramalho Jr., com Betty Faria representando Rita Baiana.

Aluísio de Azevedo afirmou-se enquanto um escritor crítico dos costumes sociais da época. A sociedade no estrato da pequena-burguesia, não possuía nenhuma orientação ideológica de classe. E agora? Como está essa situação? Reflita a respeito!

O português João Romão explorava os sem-teto da época, e os fazia devedores infundáveis do dinheiro das mercadorias que compravam em seu armazém.

Podemos observar que o romance lido intertextualiza com "Cidade de Deus", o romance de Paulo Lins e o filme de Fernando Meirelles.

O domínio do tráfico de drogas nas favelas da cidade contribui para a manutenção do caos urbano. "Cidade de Deus" é a evolução de "O Cortiço" onde existe um número maior de personagens intensos, e estes explodem numa violência sem fim. Trazendo medo a todas as camadas da sociedade.

Segundo a teoria de Charles Darwin (1809-1882), a sobrevivência dos organismos depende de sua adaptação ao meio. Serão selecionados para aquele ambiente, portanto, os organismos que se adaptarem melhor. Outro fator destacado por Darwin é a luta pela sobrevivência entre os descendentes, pois embora nasçam muitos indivíduos poucos atingem a maturidade.

O número de personagens que perde a vida cedo é ainda maior. "Cidade de Deus" mostra muito bem este aspecto, jovens iniciam sua vida criminosa cada vez mais cedo, assim devido a constante guerra entre traficantes faz dessas crianças, jovens cadáveres.

Os indivíduos são determinados através da seleção natural mantendo ou melhorando a adaptação destes ao meio. Podemos, no entanto, considerar esta teoria da seguinte forma que "Cidade de Deus" é descendente de "O Cortiço". Fortaleceu-se devido à concentração de caracteres tais como violência e o uso constante de drogas, seja álcool (O Cortiço) seja cocaína (Cidade de Deus). Assim podemos constatar que a seleção natural teorizada por Darwin transformou-se em seleção criminal.

Ou seja, os portadores de variações desfavoráveis, ou considerados frágeis, são eliminados pelos portadores de variações favoráveis, ou fortes. Dessa forma, na lei da seleção criminal a força física nem sempre vence na guerra do crime, o mais forte é o mais esperto, aquele que se impõe sobre os outros,

amedrontando a comunidade.

Outra semelhança encontrada nas obras é a filosofia determinista de Taine. Partindo do princípio de que todo evento tem causa e que, ocorrendo esta causa, o evento acontece invariavelmente. Encontramos tanto em "O Cortiço" quanto em "Cidade de Deus" muitos personagens corrompidos pelo meio. Outros, porém poucos, levaram-se pelo livre-arbítrio como é o caso de Busca-Pé em "Cidade de Deus" e Piedade em "O Cortiço". Piedade luta bravamente contra as influências do cortiço, inicialmente consegue, mantém-se ileso aos vícios e prazeres mundanos.

O aspirante a fotógrafo Busca-Pé escapa do círculo vicioso da contravenção, mostrando uma alternativa virtuosa à guerra que o cerca desde criança. É o garoto vitorioso que não foi corrompido pelo meio, escapando do determinismo e da perspectiva do desalento. Por isso sua vitória parece tão gloriosa, tão digna de admiração.

Outra semelhança entre Busca-Pé e Piedade é o gosto por se entorpecer. O garoto não se rende ao vício como a mulher, embora gostasse de fumar um baseado com seus amigos e sempre dizia aos caretas que a maconha era a luz de sua vida: dava sede, fome e sono!

Zé Pequeno luta com armas e cocaína para atingir seus objetivos, o principal é conseguir a boca-de-fumo de Cenoura, pois as outras já havia dominado. Nesse delírio de ser o único traficante da Cidade de Deus, Pequeno mostra-nos uma incrível semelhança com João Romão. Falta de escrúpulos somado à ganância e a uma arma na mão, faz de Pequeno, o maior traficante da Cidade de Deus, respeitado pelos outros e temido por inocentes como Busca-Pé.

Tal qual Romão adultera a mercadoria e explora pequenos criminosos, como assaltantes e aviõezinhos. Desde criança mostra-se sangue-frio, principalmente, após a chacina no motel. Devido aos crimes adquire uma visibilidade no meio em que vive digna de um *pop star*.

A luta por espaço no crime organizado reflete na guerra constante que o Rio de Janeiro assiste entre suas favelas guerra essa semelhante a Cabeças-de-Gato *versus* Carapicus.

E essa evolução do processo de favelização nacional é mais antiga do que se imagina. O chocante filme de Meirelles, que lhe rendeu quatro indicações ao Oscar, nada mais é que o processo evolutivo já denunciado por Azevedo. Cobiça, inveja, ira e luxúria são temas de ambas as obras e pelos quais personagens intensos são capazes de tudo, inclusive matar.

A respeito da obra de Paulo Lins é importante dizer: para redefinir a situação do lugar onde cresceu, Lins usa o termo "neofavela", em oposição à favela antiga, aquela das rodas de samba e da malandragem romântica. O livro se baseia em fatos reais. Grande parte do material utilizado para

escrevê-lo foi coletado durante os oito anos (entre 1986 e 1993) em que o autor trabalhou como assessor de pesquisas antropológicas sobre a criminalidade e as classes populares do Rio de Janeiro.

Cidade de Deus foi saudado como uma das maiores obras da literatura brasileira contemporânea. Um dos principais críticos do país, Roberto Schwarz observou a capacidade do autor de transpor para a literatura uma situação social deteriorada, aliando em sua narrativa a agilidade da ação cinematográfica e o lirismo da poesia. Segundo Schwarz, "o interesse explosivo do assunto, o tamanho da empresa, a sua dificuldade, o ponto de vista interno e diferente, tudo contribuiu para a aventura artística fora do comum".

Há até versão em quadrinhos com 64 páginas. Coleção Literatura Brasileira em Quadrinhos - O cortiço, Aluísio Azevedo, da Editora Escala. O personagem principal deste livro não é de carne e osso. Nem mesmo João Romão, o português bronco e ambicioso que explora até a última gota de sangue a escrava trabalhadeira Bertoleza... A negra também não serve de heroína, nem a sensual Rita Baiana. A vida contada no livro é a do próprio cortiço, personagem de um mundo sem leis, valores, nem moral.

A coleção Literatura Brasileira em Quadrinhos traz grandes obras de autores nacionais consagrados transpostas para a linguagem ágil e versátil dos quadrinhos. Cada volume traz o texto original e sem adaptações, roteirizado e ilustrado por Francisco Vilachã, Jô Fevereiro ou Bira Dantas.

Indicado para jovens a partir dos 12 anos.

VISÃO CRÍTICA

Aluísio Azevedo jamais realizou a obra-prima sonhada, segundo a maior parte dos críticos. O escritor maranhense teria consumido a imaginação nos folhetins e, com isso, legado apenas dois romances de peso: "Casa de Pensão" (1884) e "O Cortiço" (1890). Ambos, tidos como gemas do naturalismo nacional, integrariam um grande ciclo imaginado à maneira de uma comédia humana 'científica', no espírito da série Les Rougon-Macquart, de Émile Zola: a história natural e social de uma família no Segundo Reinado, em dezenas de volumes.

"O Cortiço" foi publicado em 1890, em meio à atividade febril de produção literária a que Aluísio Azevedo se viu obrigado, em seu projeto de profissionalizar-se como escritor. Teve de escrever muitos romances e contos para atender a pedidos de editores, que procuravam corresponder ao gosto do público leitor, um gosto marcado pelo pior tipo de romantismo. Por isso, produziu muita literatura inferior, baixamente romântica, estilisticamente descuidada.

Considerado o mais expressivo romance naturalista brasileiro, pode ser analisado sob a ótica de dois críticos, Affonso Romano e Antonio Candido. É hora de conferirmos alguns detalhes sobre *O cortiço*, no

que tange à sua filiação ou função ideológicas, de dois modos distintos:

1º. O romance seria *contra-ideológico* na medida em que "Aluísio teria praticado em relação à série social uma narrativa contra-ideológica, apontando as falhas do sistema ao denunciar a exploração dos cortiços..."

2º. O romance seria *ideológico* visto que, "em relação à série literária, sua obra cumpre à risca os preceitos naturalistas seguindo de perto o modelo europeu". [SANT'ANNA, Affonso Romano de. Análise estrutural de romances brasileiros]

A crítica ideológica de *O cortiço*, endereçada ao sistema ou mesmo à estrutura social, seria quase nula na medida em que, estruturalmente, todo o andamento da narrativa aponta para a impossibilidade de mobilização social por parte de *raças inferiores* habitantes de um *meio* ao que tudo indica em desacordo com os atributos da civilização. Pressupõe-se que o que diferencia a obra literária dos demais textos escritos é justamente sua perfeita comunhão entre um modo e uma forma de dizer, ou, em termos mais condizentes com a crítica brasileira pós-1970, sua *coerência estrutural*.

Para Antonio Candido, "todas as vezes ... que um grande artista nasce é como se o mundo fosse criado *de novo*, porque nós começamos a enxergá-lo como ele o mostra". O romance de Azevedo, embora "texto segundo" na medida em que "vê o meio com lentes tomadas de empréstimo", será, contudo, para Candido um "texto primeiro" na medida em que "filtra" esse mesmo meio.

Candido evoca como respaldo à sua tese – segundo a qual *O cortiço* seria, "antinaturalisticamente" uma "alegoria do Brasil" ou mesmo um "Brasil em miniatura", entre vários outros fatores, a proximidade entre sobrados – do Miranda e depois de João Romão – e cortiços – cabeça de Gato e depois Carapicus – como realização estrutural da proximidade entre pobres e ricos característica do "primitivismo econômico" a que alude. Observa também que o "cortiço brasileiro [representado em Azevedo] é horizontal ao modo de uma senzala, embora no fim, quando o proprietário progride, adquira um perfil mais urbano e um mínimo de verticalização nos dois andares de uma parte da vila nova". Desta forma, o cortiço seria "ao mesmo tempo, um sistema de relações concretas entre personagens e uma figuração do próprio Brasil". [CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: *O discurso e a cidade*.]

(Re)aprendemos que a obra é "profunda", de fato, mas num sentido muito mais complexo do que poderia supor o nosso leitor do oitocentos, ainda desconhecedor dos mundos ocultos da mente perscrutada nos divãs freudianos.
